

LITERATURA SURDA: CAMINHOS PARA APRENDIZAGEM DA PRIMEIRA LÍNGUA

Autor: Otávio Washington Lima Silva

Universidade Federal da Paraíba, otavioufpblibras@gmail.com

Coautor: Elda Simões dos Santos Silva

Universidade Salvador, eldasimoes25@gmail.com

Coautor: Lucielma Karla de Vasconcelos Rêgo

Universidade Federal da Paraíba, lulibras@yahoo.com.br

Resumo: A linguagem humana é uma das habilidades mais importantes para aquisição dos inúmeros tipos de conhecimentos que podemos desenvolver ao longo da nossa vida. Sem ela, ficamos limitados ao acesso as informações produzidas historicamente pela humanidade e de intervirmos nesse processo construtivo. Para a grande parte da população, adquirir uma língua de forma natural é o comum e o esperado, mas não é o que acontece com os/as surdos/as. Grande parte deles nascem em famílias de ouvintes que não sabem como lhes instruir, ficando toda a responsabilidade para as instituições escolares. Por sua vez, as escolas precisam desenvolver estratégias metodológicas cada vez mais efetivas, não contemplando apenas a aprendizagem de conteúdos pré-estabelecidos, mas também de uma língua. A partir do exposto, o presente trabalho tem por objetivo discutir a importância do uso da literatura surda em sala de aula para a promoção da aquisição da Língua Brasileira de Sinais a Libras como primeira língua (L1), garantindo maiores oportunidades de acesso a um mundo de informação historicamente negado. A base teórica utilizada para esta pesquisa foi Gava et al (2015), Karnopp (2010), Faria (2012), Strobel (2016), dentre outros. Esta pesquisa se insere nos estudos da educação inclusiva, utilizando o método qualitativo, de caráter exploratório, tendo a pesquisa bibliográfica como procedimento para coleta de dados, e sendo a análise de conteúdo o procedimento que mais se adequou para a análise dos dados. Através da metodologia apresentada, chegamos à conclusão que a literatura surda possibilita o aprendizado da Libras de uma forma lúdica e prazerosa, onde os livros utilizados são importantíssimos para desenvolver não só a língua, mas também a identidade surda, fortalecendo ainda mais a cultura desse povo pautada nas experiências visuais.

Palavras-chave: Literatura Surda, Cultura e Identidade Surda, Aprendizagem da L1.

INTRODUÇÃO

A língua é uma das habilidades que mais contribuem para o desenvolvimento humano. Sem ela, ficamos restritos e não assimilamos novas informações. Silva et al (2009, p. 23) falam que

É a língua a responsável pela transformação do conhecimento em saber e em saber-fazer, visto que ela possibilita a socialização de informações e o desenvolvimento de habilidades que o raciocinar pressupõe. É pela propriedade de referir pela língua que o sujeito se constitui e constitui o mundo que o cerca.

Devido a isso, podemos transmitir os conhecimentos produzidos ao longo dos séculos, sejam eles simples ou não. Uma mãe, por exemplo, pode orientar um filho a não ingerir determinado tipo de alimento por ele ser venenoso, podendo também ensinar-lhe um conceito matemático, exigindo mais reflexão. Ensinos como esses, não estão restritos ao ciclo familiar, podendo ser acessados em qualquer lugar por meio da língua.

O modo como as informações são compartilhadas não é único, ocorrendo por meio de um texto escrito, de uma fala, de uma história, um conto, uma fábula. No que tange o conto de histórias, essa é uma arte milenar, que há séculos homens e mulheres contavam de forma fantasiosa fatos do cotidiano ou até mesmo da imaginação, sendo muitas vezes utilizada para a transmissão de instruções, essa prática era passada de geração em geração. Com o desenvolvimento tecnológico, esse método foi se perdendo com o tempo e novas formas de registro surgindo, como a escrita, os livros e os desenhos animados.

Para o processo de ensino, o uso de histórias é recomendado, pois garante a inserção da criança em um universo lúdico e prazeroso, sempre trazendo aprendizado para quem passa por essa experiência. No entanto, crianças surdas ficam a margem deste universo, pois a disponibilização de textos visuais é quase inexistente se comparado ao universo ouvinte. Por essa razão, crianças surdas não acessam muitas das informações que são difundidas ainda nos anos iniciais da educação infantil, comprometendo seu desenvolvimento em toda a vida escolar.

Nesse sentido, o presente trabalho objetiva discutir a importância do uso da Literatura Surda em sala de aula para a promoção da aquisição da língua brasileira de sinais - Libras como primeira língua (L1), garantindo maiores oportunidades de acesso a um mundo de informação, aqui chamado de Literatura Surda.

METODOLOGIA

Para a realização do presente estudo, optamos pelo método qualitativo, caracterizando-se como o mais adequado para este trabalho e por sua essência, esta pesquisa enquadra-se nos estudos exploratórios (ZANELLA, 2012). Os dados apresentados neste trabalho foram obtidos através da técnica de coleta bibliográfica, que segundo Zanella (2012) caracteriza-se pela busca de informações em fontes como livros e artigos científicos. Autores como Gava et al (2015), Karnopp (2010), Faria (2012), Strobel (2016) dentre outros, compõe o nosso aporte teórico. E por fim, para análise dos dados coletados das fontes bibliográficas, utilizamos a perspectiva de análise do conteúdo (ZANELLA, 2012). Por meio deste percurso metodológico, buscamos atender ao objetivo dessa pesquisa.

RESULTADOS E DISCURSÕES

A presente seção está dividida em três partes que auxiliará o leitor na compreensão do nosso raciocínio. Inicialmente discutiremos sobre a cultura e identidade surda, tema indissociável dos estudos literários surdos. Em seguida, falaremos sobre a literatura surda, conhecendo um pouco sobre sua história e características. Por fim, trataremos da importância dessa produção literária para o aprendizado de primeira língua da pessoa surda nos anos iniciais da escolarização.

CULTURA E IDENTIDADE SURDA

Quem vem a ser o/a surdo/a? Quem é esse/a sujeito/a que é cada vez mais objeto de pesquisas? Talvez uma definição seja a postura mais adequada para logo em seguida compreendermos as questões ligadas a cultura e identidade. O Decreto Federal 5.626/05, em seu Art. 2º fala que

Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras. (BRASIL, 2005)

Entende-se a partir do exposto, que a pessoa surda é aquela que por não possuir a habilidade de ouvir ou ouvir bem, utiliza a visão para compreender e interagir com o mundo a sua volta, sendo

a Libras, um fator importantíssimo para a construção e manifestação dessa cultura. Assim, não utilizaremos nesta pesquisa a expressão “Deficiente Auditivo” ou “Pessoa com Deficiência”, sabendo que essa construção advém dos estudos médicos, que veem esses sujeitos como seres incompletos e necessitados de correções. Segundo Bigogno (2012, p.9) “o termo deficiente auditivo corresponde a um modelo médico e o termo *surdo*, a um modelo social.”

Sobre cultura, compreendemos que conceitua-la não é uma tarefa simples. As inúmeras sociedades elaboram suas próprias definições. Para nos ajudar, traremos Paula (2009), explicando que

[...]pode-se também entender a cultura como uma rede de significados. Os conteúdos, espaços e situações sociais adquirem inteligibilidade no processo de produção de significados, que possibilitam a comunicação entre as pessoas e a penetração dos indivíduos em um determinado universo imaginativo. Esse processo pressupõe a construção de normas, valores e expectativas de comportamento, assim como de formas de organização e estruturação social.[...] Também desse modo, eles estabelecem, na convivência entre os pares, imagens que condensam aspectos morais, estéticos e valorativos que se configuram num estilo de vida e visão de mundo. (p.409)

Produzimos cultura através da forma como compreendemos, interagimos e modificamos o mundo a nossa volta. Logo, uma região do oriente médio, por exemplo, oferece condições diferentes das nossas aqui no Brasil, refletindo na forma como criamos normas, valores éticos e morais, que por sua vez, nos orientam na organização social.

Para os/as surdos/as, não é diferente. São sujeitos que em sua maioria nascem em famílias ouvintes que não compartilham das mesmas experiências, resultando em modos distintos de compreender o universo que estão inseridos/as. Isso resulta nas interações, produções, reflexões, compreensões, criações, recriações e adaptações diferentes das que os ouvintes realizam. Para Strobel (2016)

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo (p. 29).

Inúmeros são os questionamentos sobre essa cultura, pois alguns afirmam que ela não existe, sendo criada para potencializar os preconceitos existentes. É notório que o sujeito surdo possui uma mistura de culturas, pois, em sua grande maioria nascem em famílias ouvintes, que depositam nessa prole toda uma expectativa que muitas vezes é desconstruída pela falta de informação e estigma que a sociedade carrega sobre o que é ser surdo/a. Para Pereira et al (2011, p.34) “Como ocorre com qualquer outra cultura, os membros das comunidades de Surdos compartilham valores, crenças, comportamentos e, o mais importante, uma língua diferente da utilizada pelo restante da sociedade”.

A língua é uma das grandes marcas que caracteriza a pessoa surda, pois é a partir dela que o indivíduo possui a oportunidade de ter acesso a um mundo vasto de informações, o que não acontece quando a língua oral é imposta. A língua de sinais, dentre seus papéis, representa um símbolo identitário (LANE, HOFFMEISYER e BHAN, 1996, apud, PEREIRA, 2011)

A identidade surda, surge a partir da valorização cultural. O indivíduo inserido, sente-se parte daquele grupo, se ver representado em seus integrantes e possui um sentimento de orgulho e pertença, e é a partir do encontro de surdo/a com surdo/a, que essa identidade é construída e fortalecida, sendo vista de uma forma natural, pois o mais comum é ser surdo e vivenciar as experiências visuais. Isso acontece, pois as identidades constroem-se por meio das relações estabelecidas, surgindo com o sentimento de pertinência e autonomia. (PAULA, 2009)

A literatura surda surge como um dos constituintes da cultura surda, pois é por meio dela que a cultura é perpetuada e transmitida pelas gerações (PEREIRA et al, 2011). Trataremos desse assunto com maiores detalhes na sessão a seguir.

LITERATURA SURDA

O ato de contar histórias está presente nas diversas culturas espalhadas pelo mundo, como a cultura dos índios, egípcios, africanos, brasileiros e surdos/as, que contam histórias das mais variadas que possamos imaginar e através delas, assimilamos informações que povoam nossa mente por meio do lúdico. Sua importância é tamanha que não conseguimos mensurar nossas vidas sem o ato de produzir e contar histórias nos seus mais variados gêneros.

Em uma sociedade maciçamente ouvinte, o compartilhamento literário inicia-se ainda nos primeiros anos da infância, nos fazendo ter acesso a um vasto mundo de informações historicamente construído e acumulado. É impossível concebemos a ideia de alguém não conhecer, por exemplo, a história da Branca de Neve e os Sete Anões, A cigarra e a Formiga ou até mesmo Os

Três Porquinhos, entretanto, essa é a realidade da grande maioria dos/as surdos/as, que ficam limitados/as no acesso a este universo por não compartilharem de uma língua oral-auditiva.

Como dito no parágrafo anterior, os/as surdos/as também contam histórias e conseqüentemente, produzem literatura e essa produção é chamada de literatura surda, possuindo características diferentes da produzidas pelos ouvintes. Não trataremos aqui da literatura visual, que é mais ampla, compreendendo que nem todos os livros com personagens surdos ou com temáticas ligadas a surdez encaixam-se na literatura surda (KARNOP, 2010). Essas produções pertencem ao mundo surdo quando possuem uma representatividade real e significativa dos seus inúmeros anseios. Para Karnopp (2006, apud, KARNOPP, 2010)

A expressão “literatura surda” é utilizada no presente texto para histórias que têm a língua de sinais, a identidade e a cultura surda presentes na narrativa. Literatura surda é a produção de textos literários em sinais, que traduz a experiência visual, que entende a surdez como presença de algo e não como falta, que possibilita outras representações de surdos e que considera as pessoas surdas como um grupo linguístico e cultural diferente.

As produções literárias dos/as surdos/as multiplicam-se através de vários gêneros textuais sinalizados, como a histórias de surdos/as, literatura infantil, fábulas, lendas, piadas, contos, e muitas outras formas de manifestar o jeito desse povo compreender o mundo e produzir a partir dele. Relaciona-se diretamente com a cultura, sendo por meio dela que muitos expressam o modo particular de ser surdo/a, os desafios de viver em uma sociedade majoritariamente ouvinte e as lutas que travam diariamente pela aceitação e respeito. Isso também impacta na identidade surda, que por meio das histórias contadas sentem-se contemplados pelos enredos e personagens, fortalecendo o sentimento de pertença ao grupo.

Adotando um viés histórico, acredita-se que as produções literárias surdas iniciam ainda no século XIX, onde eram transmitidas visualmente para as gerações (PORTO e PEIXOTO, 2011, apud, GAVA, 2015). Tudo que foi produzido se perdeu com o tempo, pois naquela época não havia formas de registro e sua ruptura advém como um dos resultados do Congresso de Milão, na Itália, ocorrido em 1880, onde proibiu os surdos/as de utilizarem a língua de sinais, obrigando-os a “falar oralmente”.

Por quase 100 anos, o oralismo imperou em todo mundo, resultando em seguidos fracassos educacionais e sociais, sendo raro os/as surdos/as que se adaptavam ao sistema. Mesmo com a proibição, utilizavam sua língua em seus inúmeros “guetos”, como em pequenos grupos, nos intervalos escolares e até mesmo na rua. Já no século XX, como resposta ao insucesso desse modelo

educacional, novas formas de instrução foram sendo introduzidas nas escolas, como a comunicação total e a educação inclusiva.

Com o advento de novas formas de educar os/as surdos/as, surgiram também as possibilidades de utilização da língua de sinais, que no caso brasileiro chamamos de Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Isso resultou na tímida retomada das produções literárias pelos/as e para os/as surdos/as.

Dorothy Miles (1931-1993), é considerada uma das pioneiras na produção de poesias em Língua Americana de Sinais – ASL. Dot, como é conhecida, nasceu em Gwernaffiel, no País de Gales do Norte, que por ser ouvinte utilizava o inglês como língua materna. Ao contrair meningite, tornou-se surda aos 8 anos, aprendendo consequentemente a British Sign Language – BSL. Em 1957, começa a frequentar a Gallaudet University, onde aprende a ASL. Segundo Sutton-Spence (2013, apud, GAVA, 2015) em 1958 Miles ganhou o troféu da Gallaudet como a atriz mais promissora e em 1959 como melhor atriz coadjuvante. Enquanto estava nos Estados Unidos, foi fortemente influenciada pelo Teatro Nacional de Surdos, onde começou a produzir poesias e desenvolver a técnica da tradução em língua gestual. Ao retornar para a Inglaterra, em 1977, continuou seus trabalhos poéticos em literatura das línguas de sinais.

No Brasil, podemos citar Nelson Pimenta (1963), nascido em Brasília. É o primeiro surdo ator a se profissionalizar, estudando no National Theatre of the Deaf, em Nova York. Possui uma vasta experiência enquanto instrutor teatral e de Libras, atuando em renomadas instituições, como o Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES e a Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos – FENEIS, além de desenvolver pesquisas sobre a Libras. Hoje, o número de surdos/as brasileiros/as que trabalham com esse tipo de arte aumentou, potencializando nossa literatura. Além de Pimenta, encontramos trabalhos de Rimar Romano, Reinaldo Pólo, Sandro dos Santos Pereira, Celso Badin e muitos outros. (PEREIRA et al, 2011)

LITERATURA SURDA E APRENDIZAGEM DA PRIMEIRA LÍNGUA

Para Lodi e Luciano (2009), a linguagem é uma capacidade exclusiva dos seres humanos, e seu desenvolvimento inicia-se quando ainda somos bebês por meio das relações que estabelecemos com todos/as que nos cercam, ainda segundo as autoras, é através da linguagem que nos apropriamos dos aspectos culturais do contexto social ao qual estamos inseridos. Dessa forma, a linguagem é produto das interações sociais estabelecidas no processo de aquisição da língua, sendo

necessária a exposição aos pares linguisticamente superiores para uma transferência gradual dessa habilidade. Aprendemos a medida que somos expostos a língua, sendo assim, é por meio do outro que a criança irá construir seu eu (LODI e LUCIANO, 2009, p.33).

A realidade apresentada acima, é vivenciada pela grande maioria das pessoas, onde desde a infância é exposta a sua língua materna, tendo a oportunidade de desenvolvê-la. Os/as surdos/as por sua vez, não vivenciam as experiências da maioria da sociedade, não adquirindo nenhuma língua, primeiro por não acessarem o universo linguístico oral de seus familiares ou responsáveis, segundo por não conviverem com seus semelhantes. Grande parte nasce em famílias ouvintes. Para Lodi e Luciano (2009)

[...] não há como não considerar que a maioria das crianças surdas possui poucas oportunidades para que esse processo se dê de forma esperada, pois, na maioria dos casos, são filhas de pais ouvintes, não convivem com adultos surdos e, por serem privadas de ouvir e desenvolver a linguagem utilizada por seus familiares (linguagem oral), acabam apresentando, muitas vezes, atraso de linguagem. (p. 41)

Nessa perspectiva, é comum ouvirmos relatos de surdos/as que aprenderam a Libras apenas na adolescência, ou até mesmo na fase adulta. Para nós ouvintes, é chocante concebermos a ideia de alguém aprender sua primeira língua (L1) anos após o seu nascimento, contudo, isso é comum entre os/as surdos/as. Raros são os casos de pessoas que aprenderam a Libras ainda na infância. Como resultado, esses/as indivíduos não aprendem nem a L1 e nem a segunda língua (L2), não obtém acesso ao vasto universo do conhecimento que está disponível para todos/as, não possuem prestígio social, logo não são vistos como seres capazes de progredir socialmente, ficando as margens de todo tipo de progresso.

Como afirma Vygotsky (1979), a linguagem é resultado das relações sociais, passando por uma progressiva individualização. Inicialmente, essa criança depende do outro para aprender uma determinada língua, onde ao longo desse processo vai se tornando cada vez mais autônoma na construção de suas experiências linguísticas. No caso dos/as surdos/as, como afirma Lodi e Luciano (2009, p.36)

É, portanto, fundamental que as crianças surdas convivam com os surdos adultos e pares surdos, usuários da Libras, e/ou com ouvintes fluentes na mesma, pois, apenas por meio dessa língua, poderão ampliar suas relações com o mundo e desenvolver suas funções mentais superiores, processos estes mediados por signos.

A vivência da criança surda com seus pares é de extrema importância para uma correta assimilação da língua de sinais, como resultado, atrasos não são identificados no desenvolvimento da linguagem. Na ausência desses pares, a escola desempenha papel fundamental nesse processo, onde por meio das significativas trocas linguísticas, a criança irá aprender a Libras naturalmente. Para Moura (2013, p.18) “O que se sabe é que, a não ser que as crianças surdas sejam filhas de pais surdos, o papel de propiciar a aquisição da língua será da escola”.

A escola desempenha um importante papel na aprendizagem da língua por crianças surdas, pois é a instituição que possui, ou deveria possuir, todos os recursos didáticos e metodológicos para uma adequada prática educativa. Nela, encontram-se profissionais que dominam, ou deveriam dominar, a língua de sinais do/a sujeito/a surdo/as e com isso podem desenvolver inúmeras atividades que garantam o aprendizado da língua. Não queremos aqui retirar a responsabilidade da família ou dos/as cuidadores/as que recebe uma criança surda, pois eles serão responsáveis também por todo o processo. Contudo, é a escola a detentora do saber produzido por meio das inúmeras pesquisas, onde muitas vezes os pais desconhecem a surdez, a língua de sinais, a cultura surda, e muitos outros temas importantíssimos para quem não ouve.

Ainda sobre a escola, Moura (2013) fala que

Podemos, então, afirmar que, para a criança surda, será no espaço escolar que ela poderá adquirir a língua e, portanto, desenvolver a sua linguagem, sem as restrições que normalmente aparecem no ambiente doméstico e que na maioria das vezes são de âmbito psicológico. (p. 18)

Essa escola deve possuir um ambiente estimulador e rico para o desenvolvimento da linguagem. Com isso, todos/as que convivem com essa criança no ambiente educacional, devem utilizar a Libras em todos os momentos, nas mais variadas situações de comunicação. Assim, circulará no espaço escolar as inúmeras formas de expressão linguística, onde o educando poderá acessar os universos formais e informacionais. Nesse processo, a literatura surda apresenta-se como um importantíssimo recurso de acesso a língua, pois, assim como para as crianças ouvintes, a literatura deve ser inserida no contexto de sala de aula, oportunizando experiências de ludicidade, que posteriormente auxiliarão essa criança em suas experiências concretas.

Inúmeros são os gêneros da esfera literária que poderão ser trabalhados em sala de aula, contudo, o gênero narrativo apresenta-se como o mais adequado para os anos iniciais da educação básica, sendo que ao narrar um fato, uma história, um conto, uma fábula, as crianças surdas e ouvintes entram em um universo imaginário, que além de ajuda-las na aprendizagem de novas

palavras, auxiliarão na ampliação dos conhecimentos mais básicos tão essenciais para a vida escolar.

Por meio dos seus estudos, Karnopp (2010) nos apresenta possibilidades de obrar literárias que podem ser trabalhadas com as crianças. A autora analisa as seguintes obras: “Tibi e Joca” (BISOL, 2001), “A cigarra e as formigas” (OLIVEIRA; BOLDO, 2003), “Kit Libras é legal” (2003), “O Som do Silêncio” (COTES, 2004), “Cinderela Surda” (HESSEL; ROSA; KARNOPP, 2003), “Rapunzel Surda” (SILVEIRA; ROSA; KARNOPP, 2003), “Adão e Eva” (ROSA; KARNOPP, 2005), “Patinho Surdo” (ROSA; KARNOPP, 2005). Segundo a autora, essas obras contemplam a surdez e a língua de sinais como temas centrais dos seus enredos, garantindo uma representatividade para esses/as alunos/as.

O livro *Língua Portuguesa e Libras: teorias e práticas V*, utilizado no curso de Letras Libras Virtual da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em sua disciplina de Estágio Supervisionado I, escrito por Filho e Lima (2012), apresentam inúmeras possibilidades de como trabalharmos com a literatura em sala de aula. Seleccionamos as mais adequadas para as crianças da educação infantil, vejamos: 1. Mostrar sequência de figuras ou fotos e narrar contos; 2. Contar histórias infantis na versão original e depois na versão adaptada para a comunidade surda e perguntar a diferença; 3. Apresentar uma história como O patinho feio e depois disso, apresentar O patinho surdo. É importante que durante a realização das atividades que a exploração de recursos visuais sejam bastante utilizadas, assim como, histórias que se relacione com as vivências regionais das crianças.

CONCLUSÕES

A educação de surdos/as apresenta-se como um desafio para inúmeros educadores, principalmente para aqueles que não dominam a língua de sinais. Assim como a escola, as famílias também se surpreendem quando descobrem que seus/as filhos/as não ouvem, pairando sobre suas cabeças inúmeros questionamentos. A partir daí, a problemática se desenvolve.

A essas crianças são negadas o direito de aquisição de uma língua, acarretando em atrasos no desenvolvimento da linguagem. Para alguns, esse aprendizado realiza-se apenas na adolescência ou na fase adulta. Na educação, o resultado é a experiência nada exitosa na tentativa de conclusão da educação básica, que acarreta em uma eterna dependência de familiares e de auxílios previdenciários.

Nesse contexto, a instituição escolar desempenha papel primordial, pois é ela a grande responsável em orientar pais e mães sobre a importância da língua de sinais na vida de seus/as filhos/as. A escola precisa também quebrar paradigmas, deixando para trás velhos hábitos e aprendendo novas formas de educar. Estratégias de ensino pautadas no lúdico devem sempre perpassar o ambiente da sala de aula, onde por meio de experiências prazerosas poderá levar os/as alunos/as a um maior desenvolvimento das habilidades linguísticas.

Como estratégia, o uso da literatura surda em sala de aula deve ser garantido desde a mais tenra idade, oportunizando o acesso a um universo linguístico diferenciado e que instiga a imaginação. Outros tipos de texto devem ser introduzidos gradativamente, oferecendo um leque de oportunidades de aprendizagem da Libras de forma natural. Assim, concluímos que a literatura surda possibilita o aprendizado da Libras de uma forma lúdica e prazerosa, onde os livros utilizados são importantíssimos para desenvolver não só a linguagem e a língua mas também a identidade surda, fortalecendo ainda mais a cultura desse povo pautada nas experiências visuais.

REFERÊNCIA

BRASIL. Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2002. **Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.** Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm> Acesso em: 10/02/2017

BIGOGNO, Paula Guedes. **Cultura, Comunidade e Identidade Surda: o que querem os surdos?** 15 f. (Trabalho de Conclusão de Curso) Graduação em Bacharelado em Ciências Sociais. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora. Minas Gerais. 2012.

KARNOPP, Lodenir Becker. Produções culturais de surdos: análise da literatura. **Cadernos de Educação.** FaE/PPGE/UFPel. Pelotas, v. 36, p. 155-174, maio/agosto 2010

LODI, Ana Claudia Balieiro. LUCIANO, Rosana de Toledo. Desenvolvimento da linguagem de crianças surdas em língua brasileira de sinais. LODI, Ana Claudia B.; LACERDA; Cristina B.F. de (org.) **Uma escola, duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização.** Porto Alegre: Mediação, 2009.

MOURA, Maria Cecília de. Surdez e Linguagem. LACERDA, Cristina Broglio Feitosa de. SANTOS, Lara Ferreira dos. **Tenho um aluno surdo, e agora?** Introdução à Libras e educação de surdos. São Carlos: EdUFSCar, 2013.

PAULA, Liana Salmeron Botelho de. **Cultura Escolar, Cultura Surda e Construção de Identidades na Escola.** Ver. Bras, Ed. Esp., Marília, v.15, n.3, p.407, Set.-Dez. 2009.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha et al. **Libras:** conhecimento além dos sinais. 1. Ed. – São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

SILVA, Carmem Luci da Costa et al. **Teorias do Discurso e Ensino.** Dados Eletrônicos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda.4. ed.** - Florianópolis: Ed. da UFSC, 2016.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de Estudo e de Pesquisa em Administração.** 2. Ed. reimp. – Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC, 2012.